

mary kay
andrews

Uma tradução de Wendy Campos

luzes
brilhantes,
natal
mágico

AMOR E SEGUNDAS
CHANCES



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

*Para minha sobrinha, Sarah Abigail Murry,
com um coração repleto de amor.*



Kerry Clare Tolliver não conseguia se lembrar de um único momento em que o aroma de um abeto-de-fraser não a tenha feito sorrir.

Os Tolliver cultivavam essa variedade específica de pinheiro, nessas mesmas terras nas montanhas do oeste da Carolina do Norte, por quatro gerações.

Mas hoje, parada em frente à carreta carregada com centenas de abetos recém-cortados e amarrados, que exalavam um aroma delicioso, ela queria chorar.

— Mamãe, por favor, não me peça para fazer isso — murmurou Kerry.

A mãe envolveu um braço em torno dos ombros de Kerry.

— Me desculpa, querida, mas não tem mais ninguém que possa fazer isso. Seu pai vai sair do hospital amanhã, e alguém precisa garantir que ele coma, tome os remédios e mexa aquele traseiro para ir à fisioterapia. Gostando ou não, esse alguém sou eu.

— E a infeliz da mulher dele? Não me parece coerente que a ex-mulher é que tenha que bancar a enfermeira.

Birdie — apelido de Roberta Tolliver — soltou uma risada.

— Ah, por favor. Você sabe que a Brenda é a versão humana de uma planta de plástico. Bonita, mas inútil. De qualquer forma, eu não deveria saber e muito menos te contar, mas Murphy disse que ela foi embora. Saiu de casa um pouco antes do Halloween. Sinceramente, não me incomoda. Mas isso significa que você precisa assumir o lugar do Jock. Já perdemos a primeira semana da temporada de vendas. Ou você vai

para Nova York e cuida do estande de árvores de Natal com o Murphy ou não poderemos ir.

Kerry deu de ombros.

— E isso seria tão terrível? Quero dizer, não podemos vender as árvores para os lojistas locais, como sempre?

— Não.

Kerry se virou e viu que Murphy havia se aproximado das duas por trás. O irmão mais velho era uma figura imponente — tinha um metro e noventa e cinco, com uma complexão robusta, barba escura espetada e a pele maltratada pelo clima. Vestindo uma jaqueta de flanela xadrez forrada, calça jeans, botinas sujas de terra e com a motosserra pendurada no ombro, ele parecia um personagem de uma série sobre lenhadores.

— A geada tardia em maio destruiu um quarto das árvores. Os moradores locais não pagarão um preço alto o suficiente para compensar as perdas. De qualquer forma, a viagem para Nova York representa setenta e cinco por cento da nossa receita, e como mamãe disse, já estamos com uma semana de atraso.

Murphy guardou a motosserra na caixa de ferramentas na carroceria de sua caminhonete e bateu a tampa para enfatizar seu argumento.

Kerry agora observava a caminhonete do pai — a enferrujada Ford F-150 de 1982, com o pequeno trailer engatado na traseira. Assim como o automóvel, ele já teve dias melhores. A desbotada carroceria branca e turquesa em formato de gota parecia uma lata de presunto usada.

Spammy, como os Tolliver chamavam o trailer Shasta 1963, em homenagem à famosa marca de presunto enlatado, passava a maior parte do ano no celeiro da fazenda de árvores de Natal. Mas há quase quatro décadas, todo mês de novembro, no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças, o trailer era atrelado à caminhonete e viajava mais de mil quilômetros até a cidade de Nova York, onde os Tolliver armavam seu estande de árvores de Natal no West Village. Este ano, o ataque cardíaco e a hospitalização de Jock haviam atrasado a viagem em uma semana.



— Não acredito que você espera que eu more nesse pedaço de sucata — disse Kerry, caminhando em volta do trailer e espiando pelo vão da porta, coberto de teias de aranha.

— Tenha um pouco de respeito — pediu Birdie, acariciando a porta enlameada do trailer. — Spammy é praticamente herança de família.

Kerry apontou para o cubículo separado por uma cortina onde ficava o pavoroso banheiro químico.

— Sem chances de eu usar essa coisa nojenta.

— Não funciona mesmo — retrucou Murphy.

— Então onde...?

— Usamos o banheiro do café, ou da delicatessen que fica na esquina — explicou o irmão. — Os vizinhos deixam a gente usar o chuveiro.

Ele pegou uma vassoura e estendeu para ela.

— É melhor dar uma limpada antes de pegar a estrada. Acho que tem um ninho de esquilos no beliche em que você vai dormir. — Ele olhou para o relógio. — Vou sair em cinco minutos, assim, devo chegar na cidade amanhã ao meio-dia, no mais tardar. Preciso saber agora mesmo se você vai. Caso contrário, a viagem está cancelada. Não podemos contratar uma pessoa para ajudar este ano.

Os calmos olhos cinzentos de Birdie pareciam penetrar na alma da filha. Birdie tinha apenas 17 anos quando Murphy nasceu, e aos 21 já tinha Kerry. Ela e Jock se separaram quando a caçula estava com 7 anos. Murphy havia ficado na fazenda com Jock, enquanto Birdie e Kerry haviam se mudado para uma pequena casa na cidade. As duas mais pareciam irmãs do que mãe e filha. Kerry sabia que Birdie nunca a obrigaria a viajar. Não com essas palavras. Ela a chantagearia com aquele olhar suplicante, venceria suas defesas com o silêncio. Birdie Tolliver era mestre na arte da culpa.

— Não é que eu não queira ir. Eu quero. Estou disposta a ajudar. Mas estou apavorada de ter que rebocar esse trailer.

— Não seja tão medrosa — argumentou Birdie. — Você costumava rebocar o barco até o lago todo verão quando era mais nova. E todos aqueles anos que rebocou o trailer de cavalos quando participava de competições de salto?

Kerry suspirou. Sabia que havia perdido.

— Tudo bem, eu vou.

A expressão de Birdie ficou radiante.

— Será como nos velhos tempos. Você adorava quando nós quatro ficávamos no Spammy em Nova York. Achava que era como morar em uma casa de bonecas.

Um olhar sonhador tomou conta do rosto da mãe.

— Nova York no Natal é tão mágica. Caminhar pela Quinta Avenida para ver as vitrines decoradas. Beber chocolate quente na feira de Natal da Union Square...

— Não vamos ter tempo para nada disso com apenas duas pessoas trabalhando no estande este ano — retrucou Murphy sem meias-palavras.

Ele apontou para Kerry, examinando a calça jeans elegante, o suéter leve e a sapatilha de camurça.

— Espero que tenha roupas mais quentes do que essas. Temos um aquecedor no trailer, mas faz muito frio naquela esquina, com o vento encanado dos prédios. Me liga quando estiver a uma hora da cidade e eu coloco cones para bloquear o local onde você vai estacionar.

Ele subiu na cabine de sua caminhonete, onde Queenie, sua setter inglês, aguardava pacientemente no banco do passageiro, deu a partida no motor a diesel e se afastou devagar.

Kerry observou enquanto a carreta carregada de abetos desceu pela estrada de cascalho da fazenda. O dia estava ensolarado e fazia uns dezoito graus, mas ela estremeceu, prevendo como seria morar um mês naquele trailer apertado, convivendo com um irmão que ela mal conhecia.

— Você vai ficar bem — disse Birdie, lendo a mente da filha. — Ele tem esse jeitão rude, mas é um homem bom. E eu acho que vai te fazer bem voltar para a cidade grande. Você não pode ficar escondida aqui no meio do nada para sempre.





2

Murphy estava errado quanto ao ninho de esquilos no beliche. Na verdade, foram camundongos que fizeram sua morada no decrepito colchonete de espuma. Um dos minúsculos residentes saiu correndo pelo chão assim que ela entrou no trailer.

Kerry deu um berro, prendeu o camundongo debaixo da vassoura e o varreu pela porta aberta do trailer, depois pegou o colchonete e jogou para fora. Passou as três horas seguintes varrendo, esfregando e desinfetando tudo.

Era óbvio que, desde que os pais se divorciaram, uma mulher não havia dormido uma única noite ali.

A sequência interminável de namoradas de Jock — e sua mais recente esposa, Brenda — nunca demonstraram interesse em acompanhá-lo na viagem anual a Nova York.

E quanto a Murphy? Desde que se formara no ensino médio, morava na fazenda de abetos sozinho, em uma cabana de meeiro, que ele restaurara com todo o esmero. Kerry sabia, pelas fofocas que circulavam por toda Tarburton, que seu irmão, um recluso ferrenho, costumava namorar — e era o que ela poderia chamar de monogâmico em série —, mas nunca havia apresentado nenhuma de suas namoradas para ela ou para a mãe.

Murphy tinha 39 anos e Kerry, 34, e, embora fossem irmãos, os dois não viviam sob o mesmo teto há décadas. Ele era praticamente um estranho para ela.

Mas, enquanto olhava para um pequeno espelho pendurado do lado de fora do cubículo do banheiro desativado, Kerry

pensou que o sentimento devia ser mútuo. O que Murphy, ou qualquer outra pessoa da família, realmente sabia sobre ela?

Quando voltou para a casa da mãe em Tarburton, três meses antes, ela assumiu uma postura deliberadamente vaga sobre o que chamou de mudança de ares “temporária”. Ela não mencionou o fato de que a agência de publicidade em Charlotte, onde trabalhava como diretora de arte, havia passado por uma fusão com outra agência maior em Atlanta, tornando seu cargo algo que o departamento de recursos humanos da empresa gostava de chamar de “redundante”.

Kerry trabalhava sem parar desde que se formou na faculdade de arte e design em Savannah, até que de repente... estava desempregada. Ela conseguiu viver com a indenização rescisória durante os três primeiros meses, mas o aluguel do loft em Charlotte era ridiculamente caro e, todos os dias, enquanto encarava o extrato na tela do celular e via suas economias minguarem, ela se perguntava por quê.

Toda sua vida girava em torno do trabalho. Seu namorado, Blake, era um executivo de contas na agência de publicidade. A maioria de seus amigos trabalhava lá ou eram pessoas que ela conheceu por meio de networking. Sem o emprego, ela notou, com um pouco mais de amargura do que gostaria, que também estava sem chão.

Blake não tinha simplesmente desaparecido sem qualquer explicação. Ele apenas... foi perdendo o interesse aos poucos, até que as únicas lembranças que ela tinha do relacionamento de dois anos eram uma raquete de tênis e um casaco esquecidos no armário do corredor, além de um tubo da cara pasta de dente que ele comprara online. Não havia nada que a prendesse em Charlotte. Era hora de encarar os fatos. Era hora de ir para casa — para seu quarto de infância na casa de Birdie a poucos quarteirões da praça central de Tarburton.

Ela aceitava alguns trabalhos de design gráfico como freelancer, em sua maioria projetos de sites que poderia fazer de olhos fechados. Além de uma caminhada ocasional pela praça, Kerry raramente se afastava muito de casa.

— Você está virando uma eremita, igualzinha ao Murphy — comentou Birdie em uma ensolarada e outonal manhã de



sábado, quando saía, carregando um cesto, para encontrar seus velhos amigos no mercado semanal de agricultores na praça.

Kerry ergueu os olhos do romance que estava relendo.

— Estou bem.

Birdie encolheu os ombros.

— Eu só acho que é uma pena ficar dentro de casa em um dia maravilhoso como este. Antes que você se dê conta, já será inverno.

— Acontece que eu gosto do inverno — respondeu Kerry.

— Vou lembrá-la disso em janeiro, quando as estradas estiverem cobertas de gelo, ficarmos dias seguidos sem ver a luz do sol e tudo estiver cinza e sombrio — retrucou a mãe.

A verdade era que Kerry raramente se aventurava por sua cidade natal porque se sentia deslocada, como uma alienígena teletransportada para o planeta errado. E durante os últimos meses que morou em Charlotte, também se sentiu à deriva e sem propósito. Então pensou que, talvez, passar um mês em Nova York, longe dos dois lugares, desfrutando de um breve momento de otimismo, fosse exatamente o que ela precisava para reencontrar seu equilíbrio.

Birdie colocou um cooler no banco da frente da caminhonete.

— Preparei alguns sanduíches, assim você não precisa parar só para comer. — Ela encaixou uma garrafa térmica xadrez no porta-copos. — Esse é seu café. Seu pai me pediu para lhe dizer que tem uma boa parada para descanso nos arredores de Winchester, na Virgínia, onde ele e Murphy sempre param. Os banheiros são limpos e tem muito espaço para estacionar. Lembre-se de trancar as portas e durma algumas horas antes de voltar para a estrada.

— Pode deixar — disse Kerry, tamborilando os dedos no volante.

O sol estava nascendo, espreitando através das montanhas envoltas em névoa. Sentiu um calafrio de ansiedade percorrer suas veias. Ela não havia dormido direito na noite anterior, preocupada com a viagem, em ter que rebocar o trailer em meio ao trânsito de Nova York e, também, com a perspectiva

de morar em uma lata de presunto claustrofóbica infestada de ratos pelas próximas três semanas.

— É melhor eu ir. — Apressou-se, dando a partida na camionete. — Não quero me atrasar e deixar o Murphy irritado.

— Você está com seu telefone? Carregador? Está levando bastante meias de lã? Calcinhas e sutiãs extras? Só Deus sabe quando você vai conseguir lavar a roupa.

— Sim, sim, sim e sim — respondeu Kerry. — Sou uma mulher adulta, mãe. Não uma criança de 8 anos indo para o acampamento de verão.

— Eu sei — disse Birdie, inclinando-se para beijar Kerry na bochecha. — E eu sei que você vai trabalhar muito na venda das árvores. Mas não se esqueça do que eu disse sobre a magia do Natal em Nova York. Não se esqueça de fazer uma pausa para se divertir.

— Você quer dizer, não se esqueça de fazer uma pausa para sentir o cheiro da estação de metrô?

— Não seja tão pessimista — castigou Birdie.

— Diversão. Tá bom. — Kerry revirou os olhos.

Ela respirou fundo, olhou para os dois lados e lentamente partiu em direção à estrada.

— Até parece — completou.





O Google Maps calculou que ela chegaria a Nova York em aproximadamente dez horas, o que significava que estaria na cidade por volta das 17 horas de sábado.

Mas esses aplicativos não baseavam suas estimativas em uma caminhonete velha com uma velocidade máxima de oitenta quilômetros por hora, rebocando um trailer de quase cinco metros. Não levavam em conta os atrasos provocados pelas obras na rodovia interestadual, o congestionamento causado por vários acidentes e definitivamente ignoravam a necessidade de paradas frequentes quando um motorista se entope de cafeína.

Já passava das 15 horas quando Kerry estacionou na parada de descanso perto de Winchester. Encontrou uma vaga nos fundos, trancou a porta e, apesar de todo o café, cochilou instantaneamente.

Estava quase escurecendo quando o barulho do celular a trouxe de volta à realidade. Ela bocejou e pegou o telefone, assustada quando viu a hora — 17h30 — e o nome na tela: Murphy Tolliver.

— Você já está chegando? — O irmão nunca perdia tempo com gentilezas.

— Mais ou menos. Essa droga de caminhonete não passa de oitenta, e com aquele monte de obra na interestadual...

— Hmm, onde você tá? Nova Jersey?

— Mais para a Virgínia.

— Meu Deus, Kerry! Você ainda está a horas de distância. No ritmo que está indo, chegará aqui perto da meia-noite. Não

durmo há dois dias e estou congelando nesta caminhonete esperando por você.

— Então é melhor procurar um hotel — retrucou ela. — Estou fazendo o que posso.

— Não podemos pagar um hotel por aqui. Me liga quando estiver a uma hora de distância. Vem logo! Precisamos estar prontos para começar a vender as árvores amanhã bem cedo.

Ele desligou e Kerry fez uma careta para o celular.

— Serão semanas divertidas, com certeza.

Quando Kerry saiu do Túnel Lincoln e emergiu na rua 38th West, suas mãos escorregavam do volante de tão suadas e seu coração batia acelerado. Se o GPS estivesse correto, em meia hora ela chegaria à esquina no West Village, onde Murphy já havia montado o estande de árvores de Natal.

Ela clicou no nome do irmão na lista de chamadas e ele atendeu no primeiro toque.

— Oi. Já está chegando?

— De acordo com meu celular, estou a oito quilômetros de distância. — Seus olhos ardiavam de cansaço e seu estômago revirava por todo o estresse do dia.

— Bem, tenho más notícias. Algum babaca em um Mercedes cinza estacionou bem em frente ao estande. Estou furioso. Todos no bairro sabem que estacionamos o trailer aqui nesta época do ano. Se o carro não for retirado, você terá que estacionar no meio do quarteirão. Vou colocar alguns cones para tentar bloquear a vaga até você chegar.

— Tá, pode ser. — Ela queria perguntar a Murphy por que ele não havia bloqueado o local em frente ao estande *antes* que o ricaço babaca estacionasse, mas discutir com o irmão era como falar com uma parede. Uma perda de tempo.

Ao se aproximar de Greenwich Village, Kerry prendeu a respiração e diminuiu o ritmo. Estava aterrorizada com a possibilidade de arranhar os carros estacionados em ambos os lados das ruas, que já eram estreitas demais. Ao passar pelas placas com os nomes das ruas, antigas memórias das viagens com a família à cidade, muitos anos atrás, vieram à tona. Rua



Morton. Em um domingo tranquilo, ela patinou pelo quarteirão segurando uma corda presa à bicicleta de Murphy. E, ah, sim, rua Christopher. Havia um vendedor ambulante nessa esquina que vendia castanhas assadas, e não era aquela a delicatessen que vendia biscoitos decorados em preto e branco que ela nunca tinha visto em nenhum outro lugar além de Nova York?

O zumbido do telefone a puxou de volta à realidade.

— Olha para frente. Estou acenando para você do lado direito da rua.

E lá estava Murphy, quase no meio da rua no cruzamento seguinte, acenando com os dois braços levantados.

Ao mesmo tempo, ela avistou a placa pintada com a caligrafia impecável de Birdie. ÁRVORES DE NATAL DA FAMÍLIA TOLLIVER: DIRETO DA FAZENDA DESDE 1954. O estande contornava a esquina das ruas Hudson e 12th, e as árvores estavam em pé, apoiadas contra a cerca de tábuas rústicas que Murphy havia montado.

E, assim como ele havia avisado, um reluzente Mercedes sedã cinza-chumbo estava estacionado diante do estande, bem no meio de duas vagas, na frente da caminhonete de Murphy.

— Babaca maldito — murmurou Kerry.

O irmão correu até onde ela havia parado a caminhonete.

— Chega pra lá que eu estaciono do outro lado da rua. — A respiração de Murphy criava fumaças no ar frio da noite. Ele apontou para um espaço na rua transversal, vários metros adiante, onde havia colocado quatro cones entre duas caçambas de construção.

— O quê? Você acha que uma garota não consegue estacionar este trailer? — disparou Kerry. — Papai me ensinou a manobrá-lo na rampa do lago quando eu tinha 15 anos. E estacionei o trailer de cavalos em competições de salto em todo o estado por anos.

— Não em uma rua como esta, com o trânsito da cidade e carros estacionados dos dois lados — disse Murphy. — Isso não tem nada a ver com ser uma garota. Você não está acostumada a estacionar este trailer, e eu estou. Agora chega pra lá e vamos acabar logo com isso, droga.

Em vez disso, Kerry abriu a porta e saltou na rua.

— Vá em frente, Murphy. Me mostra o que só um homem consegue fazer.

O ar frio a atingiu como uma rajada. Quando se vestiu naquela manhã, ela se preparou para o frio da Carolina do Norte, onde a temperatura variava em torno de dez graus. Mas agora estava na gelada Nova York; onde a temperatura era de aproximadamente dois graus negativos. Ela já estava arrependida de ter escolhido uma jaqueta leve, calça jeans e tênis.

Kerry correu para o outro lado da rua, desviando dos carros que passavam e parou em frente à primeira caçamba. Murphy esperou até que o semáforo abrisse e, enquanto Kerry tirava os cones para abrir espaço, ele fez uma curva aberta à esquerda para a rua transversal, embicou a frente do veículo onde ela estava e, sem idas e vindas, encaixou agilmente a caminhonete e o trailer entre as caçambas.

Kerry ficou parada com a boca aberta, em total descrença. O irmão desceu da caminhonete e foi até a parte de trás do trailer, inspecionando seu feito. Ela deu a volta e o encontrou na porta do Spammy.

— Ok, você ganhou — admitiu. — Isso foi incrível.

Murphy grunhiu e abriu a porta do trailer, abaixando-se ao entrar com uma lanterna na mão.

— Vamos dormir. Amanhã vai ser um dia agitado.

Ela observou enquanto o irmão puxava um saco de dormir do armário embutido sob os assentos da mesa da cozinha. Ele baixou as almofadas dos encostos dos bancos de cada lado da mesa revestida de fórmica para que formassem um colchão, depois tirou o casaco e o embolou para usar como travesseiro. Finalmente, descalçou as botinas, empurrou-as para baixo do beliche e se esticou, puxando o saco de dormir até o queixo. Ele assobiou, e Queenie se juntou a ele no beliche.

— É isso? Você vai simplesmente dormir? — Kerry ficou olhando para Murphy. — Está muito frio aqui. Onde vou fazer xixi?

Ele rolou de frente para ela, mas não abriu os olhos.



— Não podemos ligar a eletricidade ou o aquecedor até movermos essa coisa para a vaga em frente ao estande de árvores. Há outro saco de dormir e alguns cobertores extras no armário acima do seu beliche. Papai e eu usamos uma lata de café velha, mas se é fresca demais para isso, vá ao Lombardi's, o café do outro lado da rua. Pode usar o banheiro deles e, se estiver com fome, peça algo para a Claudia. Diga que você é minha irmã. Mas vá logo, porque eles fecham em trinta minutos.

Murphy rolou, virando as costas para a irmã. Ele simplesmente a dispensou.

Kerry caminhou apressada até o Lombardi's. O café ocupava o térreo de um prédio de seis andares com a fachada decorada em arenito marrom. Era quase meia-noite, como Murphy a lembrara, e o lugar estava praticamente deserto. Um bartender lavava copos atrás do balcão que se alinhava no lado direito do salão, enquanto uma loira curvilínea enrolava talheres em guardanapos de linho na bancada da recepção.

— Er, oi — começou Kerry. — Sou irmã de Murphy Tolliver. Eu sei que é tarde, mas ele disse que você me deixaria usar o banheiro?

A mulher apontou para a parte de trás do salão de jantar.

— Do lado esquerdo. Fique à vontade.

A mulher ainda estava em seu posto quando Kerry saiu do banheiro.

— Muito obrigada — agradeceu. — Murphy disse que eu deveria falar com a Claudia?

— Sou eu mesma — respondeu ela. — Está com fome, querida? Sobrou um pouco de pasta e *fagioli* do especial do dia. Talvez uma taça de vinho para te aquecer?

Diante da menção à comida, o estômago de Kerry roncou. Ela olhou ao redor do café. Uma imponente árvore de Natal com luzes brilhantes vermelhas, brancas e verdes ocupava toda a janela. As mesas tinham imaculadas toalhas de linho branco e velas com rastros de cera espetadas em garrafas de Chianti envoltas em palha. O Lombardi's era a típica cafeteria

clássica com comida tradicional italiana que não existe em pequenas cidades do sul como Tarburton.

— Eu não quero te atrapalhar...

— Não se preocupe com isso — disse Claudia. — Ainda tenho que fechar o caixa e terminar meu trabalho. Sente-se ali no balcão e diga ao Danny o que vai beber. Vou até a cozinha pegar sua sopa.

Kerry estava saboreando um generoso gole de Valpolicella quando Claudia colocou uma tigela de sopa fumegante na frente dela, junto com uma cesta de palitos de pão forrada com guardanapo e uma pequena tigela de manteiga.

— Muito obrigada — disse Kerry, mergulhando a colher no caldo espesso repleto de almôndegas. — Humm. O cheiro é divino.

— É receita da minha avó — explicou Claudia. Ela se serviu de um palito de pão e o mordiscou. — Então você é irmã do Murph.

Danny, o bartender, inclinou-se e olhou para Kerry.

— É, acho que vejo alguma semelhança.

— São essas pavorosas sobrelhas grossas — exclamou Kerry, tirando o cabelo dos olhos. — A maldição dos Tolliver.

— Eu nem sabia que o Murph tinha uma irmã — comentou Danny. — Pensei que ele tinha sido criado por lobos lá nas montanhas da Carolina do Norte.

Kerry riu e tomou outro gole de vinho.

— Isso é parcialmente verdade. Nossos pais se separaram quando eu tinha 7 anos, e Murphy ficou na fazenda com nosso pai. Acho que ele realmente levou a sério a imagem de homem da montanha.

— Você acha? — disse Claudia com ironia. — Falando nisso, quando Jock chega?

— O Murphy não te contou? Papai teve um infarto e precisou de quatro pontes de safena. Eu vim no lugar dele este ano.

— Seu irmão não é exatamente muito aberto quando se trata de assuntos pessoais. Eu estava estranhando o fato de os dois não terem aparecido logo após o Dia de Ação de Graças.



Sinto muito pelo que aconteceu com seu pai. Ele é um cara legal. Ele sempre me pareceu tão...

— Indestrutível? — sugeriu Kerry. — Ele com certeza acha-va que sim. Talvez agora ele finalmente pare de fumar.

— Contanto que ele não tenha que parar de beber — interrompeu Danny.

Kerry continuou olhando ao redor do salão.

— Este lugar me parece tão familiar. Existe há muito tempo?

— Desde 1962 — informou Claudia. — Sou a terceira geração a comandar o Lombardi's.

— Ah, então faz sentido — acrescentou Kerry. — Tenho uma vaga lembrança de estar sentada bem aqui, em cima de uma pilha de listas telefônicas, comendo uma grande tigela de espaguete. Havia uma senhora de cabelos brancos que me mostrou como enrolar o macarrão no garfo.

— Era minha avó, Anna — disse Claudia. — Então você costumava vir para a cidade também?

— Sim. Eu, Murphy e nossos pais. Mas parei de vir depois do divórcio.

— Quatro pessoas, sendo duas crianças pequenas? Morando naquela coisa? — Claudia riu. — Isso é levar a intimidade familiar longe demais para o meu gosto.

— Consegue imaginar nós dois morando juntos em um trailer? — perguntou Danny, cutucando o braço de Claudia.

— Já é ruim o suficiente termos que trabalhar juntos — disse ela.

— Vocês dois são parentes?

— Tecnicamente, somos primos.

Kerry raspou o fundo da tigela para pegar a última colherada de sopa. Ela enxugou os lábios com o guardanapo e enfiou a mão no bolso da jaqueta para pegar a carteira.

— Nada disso — disse Claudia rapidamente. — É por conta da casa.

— Mas...

— Nossas famílias têm um acordo — explicou Danny. — Ficamos com a maior e melhor árvore de Natal dos Tolliver todos os anos, e vocês recebem o pacote de refeições dos Lombardi.

— Pelo menos me deixe pagar pelo vinho — insistiu Kerry.

— De jeito nenhum — respondeu Claudia com firmeza. — E de manhã, se precisar de café e um banheiro, vá até a Anna's, nossa padaria aqui ao lado. Lidia, a filha do Danny, cuidará de você.

— Sério? Isso seria ótimo — disse Kerry, reprimindo um bocejo.

Claudia caminhou até a porta da frente do café, destrancou-a e a segurou aberta.

— Não estou te expulsando, mas é melhor você ir. Sabemos que seu irmão começa a trabalhar muito cedo.

— Obrigada mais uma vez — disse Kerry. — Tenho a sensação de que amanhã será um longo dia.

AMOSTRA